

Orientações Básicas para a Pesquisa

Por Regina Maria Giffoni Marsiglia (PUCSP/FCMSCSP)

1. Prática Profissional e Pesquisa

A teoria é um conhecimento organizado, sedimentado, que muito embora tenha partido da realidade concreta, passou por um complexo processo de sucessivas abstrações, que ao mesmo tempo o faz distanciar-se do concreto imediato e poder explicar uma realidade mais ampla, concentrando-se em apontar os elementos essenciais de um objeto construído nesse processo de generalização e abstração.

A pesquisa é uma das formas de se produzir conhecimento, que foi se estruturando com o tempo, criando seus objetos e métodos, definindo as relações que os pesquisadores devem estabelecer com seus objetos de conhecimento, em um processo de discussão profundo e polêmico entre os cientistas.

Mas a prática profissional representa uma das possibilidades de se produzir conhecimento também. Alguns preferem denominar esta produção como um tipo de saber, e na pós-graduação de algumas áreas mais profissionalizadas, como é o caso do Serviço Social, tem-se valorizado o saber que se origina do fazer profissional.

O que é pesquisar para nós? Acharmos que a pesquisa e a produção de conhecimento só podem ser desenvolvidas na Universidade ou nas Instituições de Pesquisas? Ou só por pesquisadores reconhecidos pela sociedade como tal?

Há pesquisas que contribuem para o avanço do conhecimento teórico ou que contestam teorias estabelecidas. É muito freqüente, na pós-graduação e em bancas, argüidores perguntarem: o que esse trabalho trouxe de contribuição para a teoria? Quer dizer, que novo conhecimento foi produzido? Confirmou as teorias existentes? Aponta novos caminhos para a pesquisa? Diante disso, pode se restringir a noção de pesquisa com a pesquisa teórica e acadêmica, bem como o lócus de produção do conhecimento na universidade. E muitos

chegam a pensar que se não estão na universidade, não estão produzindo conhecimento, e, não podem ou não têm condições de pesquisar.

É certo que o desenvolvimento da pós-graduação e o apoio das agências de fomento, como o CNPq, a Capes, a FINEP, e agências estaduais, no caso do Brasil, permitiram o desenvolvimento da pesquisa no país, bem como a constituição de grupos de pesquisadores e instituições de pesquisa que hoje podem ser consideradas como “ilhas de excelência” reconhecidas internamente e algumas até internacionalmente. Esse apoio que se prolonga por quase quatro décadas, foi fundamental para o desenvolvimento de todas as áreas do conhecimento e para o desenvolvimento dos Programas de Pós-Graduação, inclusive no Serviço Social.

No entanto, essa não é a única forma de produzir conhecimento, e nem a universidade e os institutos de pesquisa são os únicos “lugares” para se desenvolver pesquisas. Há outras formas, e dentre elas, devemos destacar a pesquisa em serviços, que necessariamente, não está produzindo um novo conhecimento teórico, que muitas vezes não é valorizada pela academia, nem passa pelas provas que a academia considera legítimas, mas que é uma pesquisa realizada na prática e no cotidiano de muitas instituições e serviços.

Não podemos esquecer que o Serviço Social é uma profissão, e que na essência, somos profissionais embora também pesquisadores e formadores. Esta é uma questão muito importante para pensarmos a pesquisa no Serviço Social, pois é fundamental para o seu desenvolvimento que haja uma reflexão contínua sobre sua prática, como uma forma de produzir conhecimento, tão importante quanto à pesquisa acadêmica.

Na área social, pesquisas de tipo exploratório têm trazido contribuições muito importantes para a compreensão de questões novas que estão sendo percebidas na realidade concreta, denominados de “temas emergentes”. A pesquisa exploratória permite uma aproximação de tendências que estão ocorrendo na realidade, para as quais não temos ainda conhecimento sistematizado nem bibliografia consolidada. Nestas condições é preciso consultar pessoas que tenham alguma experiência prática em relação ao tema ou que elaboraram alguma observação, ainda que inicial, sobre os fenômenos que estão ocorrendo.

Este tipo de pesquisa pode ser um instrumento muito importante para o trabalho profissional do Assistente Social e também para a formação dos futuros profissionais.

2. Da Observação Assistemática à Observação Sistemática

O trabalho no cotidiano permite uma observação muito próxima dos fenômenos que estão ocorrendo. Mas estas observações tendem a ser espontâneas, assistemáticas e muito seletivas: percebemos de um fato vivido, de uma reunião presenciada, as posturas e as “falas” que mais nos impactaram e tendemos a registrar na memória, apenas aquilo que mais nos impressionou.

Na prática profissional, no estágio ou na docência, é preciso transformar as Observações Assistemáticas da realidade em Observações Sistemáticas: este processo deve ser incorporado pelos profissionais e pelos docentes e transmitido aos estudantes. Esta é uma exigência para que o trabalho profissional se torne um saber profissional. Mas como fazer isto?

Primeiro: preparar o processo de observação, como um **Projeto** que permita a observação o mais ampla possível dos processos que estão ocorrendo na prática profissional, no estágio ou na prática docente.

Segundo: **Registrar Detalhadamente** o que foi observado. É difícil registrar o cotidiano: no dia-a-dia não dá tempo e na maioria das vezes, o profissional não desenvolveu essa habilidade, e nem sempre esta prática é considerada essencial nos planos de estágio.

No entanto, vale a pena frisar: uma prática se só torna um saber sistemático se for observada e registrada detalhadamente. Registrando-a de modo organizado e sistemático, podemos perceber ângulos e dimensões que não tínhamos percebido no momento em que os fatos estavam ocorrendo e, chegar a uma observação mais completa da realidade. Faz parte do arsenal profissional, do fazer profissional, passar da observação assistemática da prática, para uma observação sistemática.

Se conseguirmos cumprir esta exigência, já será possível apresentarmos uma **Produção Importante sobre a Prática**, sistematizar o saber profissional. Caso contrário, o conhecimento advindo da prática, o saber fazer, terá um alcance muito pequeno de disseminação: pode se perder ou quando muito, tornar-se uma imagem “esfumaçada” na memória de alguns que dela participaram.

Outra decorrência importante da observação e do registro sistemático da prática cotidiana, é que eles nos permitem elaborar um diagnóstico mais preciso sobre a realidade e sobre os problemas e os grupos populacionais com os quais estamos lidando. Nas instituições em que os profissionais registram e analisam minimamente seu trabalho profissional, apresentam as observações e os resultados de forma sistematizada nas reuniões de equipe ou para as direções, as contribuições dos Assistentes Sociais se tornam valiosas para todos, podem fornecer subsídios para a tomada de decisões e o **Serviço Social é Reconhecido** pelas outras profissões e pelas direções.

Um diagnóstico mais preciso sobre a realidade, por sua vez, permite chegar-se a **Propostas de Ação** mais adequadas às necessidades, que devem ser acompanhadas durante o processo de implantação e avaliadas em seus resultados para o re-planejamento. Participando ativamente de todas as etapas desse processo, os profissionais e os estagiários terão a oportunidade de recompor a **Totalidade dos Processos de Trabalho** em que estão envolvidos nas instituições, tornando sua própria prática menos fragmentada, repetitiva e desligada de suas finalidades. O trabalho se torna mais significativo para os profissionais à medida que eles dominam os processos de trabalho como um todo, contribuem e participam das decisões. Reunir os momentos de observar, planejar, executar, avaliar e reformular as propostas para a ação prática, permite re-significar o processo de trabalho e a prática profissional, bem como produzir um novo saber profissional.

3. O Que Usar? Metodologias Quantitativas ou Qualitativas?

Devemos reconhecer que atualmente, apesar das dificuldades, temos melhores condições de desenvolver a produção do conhecimento no Serviço Social, como em todas as

áreas das Ciências Humanas e Sociais. As experiências de Iniciação Científica, ainda durante a graduação, embora sejam ainda reduzidas numericamente, mostram tendência de crescimento; a exigência do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC; algumas pesquisas, realizadas pelos profissionais em seu campo de trabalho; as monografias de especialização; as dissertações de mestrado e as teses de doutorado têm incentivado a preocupação dos Assistentes Sociais com relação à produção de conhecimento, ao domínio das metodologias de sua produção e à escolha dos métodos e instrumentos de pesquisa mais adequados ao que desejam pesquisar.

Do ponto de vista metodológico, percebem-se no Serviço Social nos últimos anos, uma valorização das pesquisas qualitativas, dos estudos de casos, dos instrumentos e técnicas de entrevistas, principalmente entrevistas semi-estruturadas, da análise de conteúdo e de discurso.

Aproximamos-nos durante os anos 90 de uma visão muito interessante a respeito da discussão da relação sujeito-objeto, subjacentes à discussão da pesquisa-ação e da pesquisa participante. E da reflexão sobre a necessidade de compartilhar o processo da produção do conhecimento - seja científico ou popular. Devemos aproximar esses dois tipos de conhecimento, para que eles se complementem e se fertilizem mutuamente.

Discutindo a questão das pesquisas na saúde, Turato, (2003) relembra que o termo “quantitativo” relaciona-se à idéia de mensuração e busca resposta para a pergunta “quanto”? enquanto o termo “qualitativo”, busca responder a perguntas como “qual”? “qual tipo”?

A constituição do conhecimento metódico ocorreu entre os séculos XVII e XIX, seguindo os princípios da observação (controlada), da experimentação (reprodução dos fenômenos) e da indução (regularidade matemática da repetição do fenômeno). No século XIX, Claude Bernard incorporou os princípios na área da medicina, passando o corpo humano a ser pesquisado experimentalmente, tendo a fisiologia como modelo para o entendimento dos fenômenos das áreas biomédicas (Turato, 2003). Este pensamento expandiu-se na área da saúde, e procurou-se expandir o uso do mesmo modelo nas Ciências Humanas e Sociais com pouco sucesso.

Já no século XX as Ciências Humanas e Sociais concentraram-se mais nos métodos qualitativos de pesquisa, também denominados de compreensivo-interpretativos. E tem havido certa disputa entre as duas áreas de conhecimento, com defesas e questionamentos das pesquisas de caráter qualitativo pelas Ciências Básicas. No entanto, nos últimos anos, vem se firmando entre os pesquisados a idéia de os métodos quantitativos e os qualitativos devem ser vistos como **Complementares**, o que pode levar a um melhor desenvolvimento das pesquisas com objetos complexos.

Nesta perspectiva, Barros *et. alii*, (2003), afirmam que determinados objetos e problemas de pesquisa, dado seu caráter contextual, complexo e multicausal, podem ser menos controlados e necessitam de métodos e técnicas diferenciadas de investigação. Minayo e Minayo, (2001) consideram que os estudos na área da saúde devem usar as metodologias qualitativas para captar o "significado e a intencionalidade" inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais.

No que diz respeito aos serviços de saúde, tema importante do Congresso Internacional e Ibero-Americano de Investigação Qualitativa em Saúde no México em 2003. Bosi e Mercado, (2004) os congressistas presentes apresentaram-se preocupados com os desafios existentes no interior dos serviços e no âmbito de sua investigação, chamando a atenção para a adequação das abordagens qualitativas para o desenvolvimento do conhecimento nessa área.

4. O Projeto de Pesquisa

As pesquisas teóricas, metodológicas ou sobre a prática exigem: uma preparação inicial passa pela etapa de execução (ou trabalho de campo) e análise dos achados, e, por fim, pela etapa de apresentação e divulgação dos resultados.

Preparação ou Fase Exploratória da Pesquisa

1. Para Deslandes (1994), é preciso no início decidir sobre o tema e o problema a ser pesquisado: a saúde representa uma grande área de interesse para a pesquisa, mas é preciso dentro dessa área definir especificamente o que se quer pesquisar. Por exemplo, certo aspecto da política, em um determinado período, os princípios que a orientam, o controle social que existe na área, os níveis de atenção à saúde, a organização dos serviços de saúde, o acesso da população a eles, a satisfação/insatisfação da população com o que lhes é oferecido, os processos de trabalho em saúde, o mercado de trabalho, as necessidades da população, as concepções de saúde e adesão aos tratamentos propostos, os sentidos que diferentes segmentos sociais atribuem às doenças, as relações entre condições de vida, trabalho e saúde, os riscos diferenciados de adoecer, as diferenças sociais e regionais do perfil de morbimortalidade, e, muitos outros.

O problema a ser pesquisador deve ser delimitado e apresentado sob a forma de uma **Pergunta e Avaliarmos** se temos condições de pesquisá-lo (acesso às informações, tempo disponível, competência, a conjuntura)

2. Justificativa da Escolha do Problema de Pesquisa

Razões da escolha de tal problema, relevância teórica, metodológica ou social do problema, contribuições para o conhecimento ou grupos sociais a serem beneficiados com os resultados.

3. Objetivos da pesquisa

O que se pretende conhecer com a pesquisa (Objetivo Geral) e as metas específicas a serem alcançadas (Objetivos Específicos).

4. Definição da Base Teórica e Conceitual da Pesquisa

É a base de sustentação da pesquisa, deve ser obtida através de uma pesquisa bibliográfica sobre o problema, lendo-se vários autores, que produziram sobre o tema de ângulos diferentes ou que apresentam posicionamentos controversos sobre o tema. Outras pesquisas produzidas sobre o mesmo assunto, e, se possível, realizar entrevistas exploratórias

com pessoas que tenham experiência com o problema, mas que não foram publicadas. O material obtido nesta etapa deve ser fichado, e, as referências bibliográficas e as citações, devem ser anotadas conforme as normas da ABTN.

5. Formulação de hipóteses ou pressupostos para a pesquisa

A hipótese é uma pressuposição que se faz sobre o problema que se quer estudar, baseada numa reflexão teórica, nas leituras prévias, nas entrevistas com especialistas e também na sua própria observação sobre a realidade. É uma resposta prévia para o problema que se vai investigar e que poderá ser confirmada ou não ao final da pesquisa. Para Minayo, (1992) e Quivy e Campenhoudt, (1998), as hipóteses são afirmações provisórias sobre o problema. Para Gil, (1987) as hipóteses podem surgir também da intuição do pesquisador, evidentemente de uma intuição sustentada pela leitura, observação prévia ou experiência prática com respeito ao problema.

6. Metodologia

Definir o tipo de estudo que será adotado. Serão usadas metodologias quantitativas, ou qualitativas ou ambas. Quais serão as fontes de informação: as informações originais colhidas pelo próprio pesquisador são denominadas de fontes primárias. Quando se recorre a dados já existentes em instituições, associações ou trabalhos de outros pesquisadores; estamos lidando com fontes secundárias de informação.

Define-se neste momento o que será observado, quantos serão entrevistados, o que representam do universo de envolvidos com o problema, isto é, a Amostra que deverá representar a totalidade; o mesmo ocorre com os documentos que serão analisados no conjunto de documentos existentes quando pretendemos desenvolver uma pesquisa documental; há que definirem-se ainda os instrumentos a serem utilizados para a coleta de informações (observação, questionários, entrevistas, análise de documentos), etc.

7. Amostragem

No geral se trabalha com uma amostra da realidade e as amostras podem ser probabilísticas ou não probabilísticas. As probabilísticas são usadas em pesquisas

quantitativas, buscando-se uma representatividade do universo. As amostras não probabilísticas são mais usadas em pesquisas qualitativas, e estão preocupadas em captar a diversidade do universo.

As amostras probabilísticas mais usadas são:

- a) Aleatórias simples: quando se procura garantir a mesma possibilidade de compor a amostra para cada um dos componentes do universo. Fazemos uso de sorteios, com numeração prévia de cada elemento componente do universo;
- b) Sistemáticas: usadas quando os elementos do universo estão ordenados: em listagens, em arquivos, em uma rua. Por exemplo: queremos ter uma amostra de 10 % delas. Sorteamos a primeira entre os dez primeiros, e depois escolhemos as demais de dez em dez;
- c) Estratificadas: usadas quando a totalidade das pessoas pode ser subdividida em subgrupos ou estratos pôr faixas de idade, renda, religião, profissão, escolaridade ou outros critérios. Sorteia-se certo número de elementos em cada estrato para compor a amostra final, conservando na amostra, a mesma proporção em que cada estrato participa na totalidade.

As amostras não probabilísticas podem ser:

- a) Intencionais: quando se deseja por exemplo, obter a opinião ou conhecer a situação de determinadas pessoas ou serviços, por sua especificidade e não representatividade do universo;
- b) Típicas: quando se seleciona para a pesquisa os casos típicos , que tenham as características do universo. Isto exige um razoável conhecimento prévio do problema e do universo da parte do pesquisadores;

- c) Cotas: considerando-se as características dos integrantes do universo, constrói-se uma maquete que o represente, com presença de todos os elementos na amostra, na mesma proporção em que aparecem no universo.

8. Técnicas ou instrumentos de pesquisa

As técnicas mais usadas nas pesquisas são as observações, os questionários, as entrevistas, histórias de vida e a análise de documentos.

As observações podem ser assistemáticas quando são realizadas de modo ocasional e informalmente, mas devem transformar-se em observações sistemáticas: planejar o que será observado, em que condições e como serão feitos os registros. Pode ser externa (quando o pesquisador o faz a observação de fora da situação), participante (quando o pesquisador se insere na situação ou no grupo investigado), individual ou em equipe.

O questionário é um instrumento de pesquisa, constituído pôr uma série ordenada de perguntas referentes ao tema de pesquisa. Quando o Questionário é enviado para os pesquisados responderem diretamente, precisa ser acompanhado de uma carta com explicações claras para o preenchimento correto, mas mesmo assim a porcentagem de respostas e devolução costuma ser muito pequena. Quando o próprio pesquisador aplica pessoalmente o instrumento nos pesquisados, este é denominado de Formulário. Os questionários e formulários apresentam perguntas objetivas, muitas vezes com alternativas de respostas já codificadas, mas podem conter também algumas perguntas abertas. Antes de serem aplicados os formulários ou enviados os questionários, o instrumento de coleta deve passar por um pré - teste, isto é, ser aplicado em algumas pessoas que tenham características semelhantes àquelas que farão parte das amostras, para se verificar se há necessidade de modificar as perguntas ou a seqüência delas.

As entrevistas são os instrumentos mais usados nas pesquisas sociais, porque além de permitirem captar melhor o que os pesquisados sabem e pensam, permitem também ao pesquisador, observar a postura corporal, a tonalidade da voz, os silêncios, etc.

Podem ser Padronizadas, Estruturadas ou Semi-estruturadas, quando o pesquisador apenas coloca alguns tópicos para o pesquisado expressar o que pensa sobre eles.

As histórias de vida: é um tipo particular de entrevista, em geral uma série delas, em que se busca reconstituir a vida toda, ou uma fase ou um aspecto da vida da pessoa (como profissional, como paciente, como docente, como estudante). As histórias de vida permitem também ao pesquisador perceber as concepções que as pessoas têm de seu papel e de sua participação nos grupos dos quais fazem parte (família, trabalho, política, religião, etc.), e podem ser complementadas com outros tipos de informações, sobre os processos sociais referidos pelos pesquisados, através das pesquisas em jornais, revistas, documentos, relatórios ou outras pesquisas.

A análise de documentos: é dirigida a textos escritos que podem servir como fonte de informação para a pesquisa: planos, programas, leis, decretos, artigos, atas, relatórios, ofícios, documentos, panfletos, etc.

9. Recursos necessários, composição da equipe e cronograma de execução.

Definir os recursos financeiros, materiais e equipamentos necessários; a equipe que vai desenvolver a pesquisa (currículo e atribuições); as etapas de execução e o tempo previsto para cada uma delas (seleção e treinamento da equipe, coleta de dados, análise do material coletado, conclusões, relatório final e divulgação).

10. Comissão de Ética na Pesquisa

Todo projeto de pesquisa deve passar por uma comissão de ética, na instituição de ensino ou nos serviços, e anexando ao mesmo um termo de Consentimento Informado, a ser assinado pelos pesquisados, após receber as informações do pesquisador sobre os objetivos da pesquisa e a garantia de sigilo sobre a fonte de informação.

4. Fase de Execução, Trabalho de Campo e Análise dos Dados

Segundo Cruz Neto, (1994), a aproximação do pesquisador das pessoas selecionadas para a pesquisa, poderá ser facilitada se o pesquisador já tiver um relacionamento anterior com elas ou se puder contar com a ajuda de outras pessoas para facilitar a aproximação. É importante apresentar de início a proposta de pesquisa aos grupos envolvidos e incorporar as contribuições que essas pessoas possam dar à proposta. Os pesquisadores, além de registrarem as informações obtidas nas entrevistas, questionários e observações planejadas, devem fazer anotações de tudo que acontece no trabalho de campo (Caderno ou Diário de Campo).

As entrevistas devem ser agendadas com antecedência, em local adequado, solicitando-se quando for o caso, permissão dos pesquisados para gravá-las. A aplicação de formulários deve seguir o mesmo procedimento. É preciso prever o tempo que levará cada procedimento, contar com recusas ou perdas de pessoas selecionadas (daí ter uma reserva maior de pessoas selecionadas nas amostras).

Preparo dos Dados para Análise Quantitativa

A “análise” é um processo de descrição dos dados coletados e a “interpretação” é um processo de reflexão sobre o que foi descrito, à luz de conhecimentos mais amplos, que extrapolam os dados da pesquisa ou comparam esses dados com outras pesquisas semelhantes. A análise de dados quantitativos passa pelas seguintes operações:

- a) estabelecimento de categorias para a análise;
- b) codificação das informações;
- c) tabulação e distribuição de freqüências: colocação dos dados em tabelas para verificar as relações que apresentam entre si, e apresentação dos dados sob a forma de freqüências absolutas (n.^o), freqüências relativas (%) e freqüências acumuladas. Podemos também cruzar uma ou mais variáveis entre si, como por exemplo: escolaridade e acesso aos serviços de saúde.

Análise Estatística e Construção de Tabelas, Quadros e Gráficos

As medidas de Posição Central mais usadas são:

- a) Moda (M_o): é o valor mais freqüente encontrado na distribuição das respostas, aquele que se repete o maior número de vezes. Quando temos mais de um valor que se repete, neste caso teremos uma distribuição bimodal, com três ou mais valores que se multiplicam, temos uma distribuição multimodal;
- b) Média aritmética (M):_soma dos valores de todos os dados obtidos, dividida pelo número de casos;
- c) Mediana (M_d): valor abaixo do qual estão metade dos casos estudados e acima do qual está a outra metade;
- d) Quartil: os quartis dividem a distribuição dos valores em 4 partes iguais (até 25%, até 50%, até 75% e até 100%);
- e) Amplitude: é uma medida que nos mostra o quanto os dados obtidos estão variando, entre o valor mínimo e o valor máximo da distribuição;
- f) Gráficos: para Marconi e Lakatos (1988), os gráficos apresentam os resultados de uma pesquisa, de uma maneira que facilita a visão do conjunto de uma vez só.

Os gráficos lineares são os mais usados, apresentado os dados através de linhas retas ou curvas: são muito interessantes para demonstrar a tendência de variação das informações colhidas e do problema de pesquisa.

Há ainda os gráficos de coluna (usa-se retângulos alongados no sentido vertical) e os gráficos de barra (retângulos no sentido horizontal).

E há os gráficos circulares, sendo o mais usado o de setores, mostrando a proporção de cada elemento no conjunto.

3. Análise de Dados Qualitativos

Para pesquisas que usam entrevistas semi-estruturadas, histórias de vida, depoimentos, artigos, documentos, filmes, cartazes, desenhos etc. Esses tipos de instrumentos de pesquisa permitem revelar sentimentos, valores ou concepções mais profundas dos entrevistados do que os questionários e formulários, que no geral, obtêm informações mais superficiais, opiniões mais estereotipadas e racionalizadas. Procede-se na análise da seguinte forma:

- a) **Elaboração e preparação do material:** realizadas e gravadas as entrevistas, depoimentos ou histórias de vida, elas deverão ser transcritas, na íntegra ou através de recortes sobre o tema em questão; a transcrição deve ser realizada logo após a gravação, e, se possível, pelo pesquisador ou por quem realizou as entrevistas, para garantir a fidedignidade ao que foi dito pelos pesquisados;
- b) **Definição das categorias de análise:** ou pelo menos deve-se definir linhas orientadoras para a análise (Queiroz, 1988). Ler mais de uma vez todo o material transcrito ou os documentos selecionados e levantar as categorias de análise, isto é, as questões que aparecem no material coletado e como os pesquisados se posicionam frente a eles. As categorias de análise são os recortes a partir dos quais o material coletado no campo será analisado;
- c) Para Michelat (apud Thiollent, 1987), as pesquisas que usam entrevistas não diretivas, histórias de vida ou mesmo entrevistas menos estruturadas, são realizadas com um número reduzido de entrevistados e quantificar os resultados não tem valor estatístico. Recomenda-se uma apresentação inicial do perfil social dos entrevistados (sexo, idade, profissão, escolaridade, procedência etc.), para que se possa saber de que “lugar social” fala o entrevistado;
- d) **Análise de conteúdo:** Pode-se inicialmente proceder à análise semântica (do vocabulário usado) e proceder depois à análise do conteúdo, isto é, das idéias contidas nos vários instrumentos de comunicação. Há técnicas de análise de caráter quantitativo e de caráter qualitativo na análise de conteúdo. Organização do material após uma leitura profunda para definir: as unidades de registro (palavras, frases, orações, temas, acontecimentos, personagens...); as unidades de contexto (contexto do qual faz parte a

mensagem); as categorias de análise e separar os trechos mais significativos; proceder á análise propriamente dita do material.

Bardin, (1979) apresenta várias técnicas de análise de conteúdo e Minayo,(1992) faz uma proposta para análise de conteúdo em dois níveis:

- No primeiro, apresentar a conjuntura sócio-econômica e política da qual faz parte o grupo de entrevistados, sua historia e inserção no contexto sócio-histórico mais geral;
- No segundo, apresentar as observações de condutas, costumes, o teor das comunicações de cada indivíduo.

6. Conclusões , Recomendações, Divulgação e Relatório

A conclusão da pesquisa deve compreender quatro partes:

- a) Retrospectiva rápida do que se pretendia com o trabalho (objetivos, hipóteses mais importantes, conceitos que a embasaram) e procedimentos que utilizou;
- b) Apresentação dos principais resultados a que chegou;
- c) Contribuições para o conhecimento da temática que abordou, novas questões que suscitou;
- d) Recomendações de ordem pratica ou profissional se for o caso;
- e) Devolução dos resultados aos pesquisados: estes devem constituir o primeiro grupo a tomar conhecimento dos resultados preliminares para que possam pronunciar-se, fazer sugestões e ouvir as explicações dos pesquisadores. Estes devem incorporar o máximo possível, as sugestões dos entrevistados no Relatório Final para divulgação;
- f) Divulgação dos resultados: o mesmo material deve ser apresentado em várias “versões”: uma para o meio científico, outra mais resumida para as reuniões, uma

cartilha ou manual para a população, um artigo para revista especializada, um texto para divulgação na mídia;

g) relatório final: deve estar constituído pelas seguintes partes:

- Capa (título, autor, orientador, entidade responsável, data, cidade);
- Folha de Rosto (idem acima);
- Agradecimentos (se houver);
- Resumo (de uma página);
- Relação de tabelas e gráficos (se existirem);
- Sumário;
- 1 - Introdução (pesquisa realizada, importância, objeto, objetivos, disposição dos capítulos);
- 2 - Revisão da bibliografia relacionada ao tema;
- 3 - Esquema de Investigação (procedimentos empregados, fontes de dados, metodologia e organização da pesquisa de campo);
- 4 - Apresentação, análise e interpretação dos resultados;
- 5 - Resumo e Conclusões;
- 6 – Recomendações;
- 7 - Anexos (se houver: figuras, questionários ou roteiros, documentos, circulares etc.);
- 8 – Bibliografia.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.
- BARROS, N.F.; CECATTI, J.G; TURATO, E. R. (org). **Pesquisa Qualitativa em Saúde: múltiplos olhares**. Campinas: UNICAMP, 2005.
- BOSI, M. L. M.; MERCADO, F.J. (org). **Pesquisa Qualitativa de Serviços de Saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 2ª edição. Coleção Trajectos. Trad. Marques, Y. M.; Mendes, M. A.; Carvalho, M. Lisboa: Gradiva, 1998.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1988.
- MARTINELLI, M. L. (org). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.
- MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MINAYO, M. C.de S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R. (org). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- MINAYO, M .C. de S.; MINAYO, C. G. **Difíceis e possíveis relações entre os métodos quantitativos e qualitativos nos estudos dos problemas de saúde**. Rio de Janeiro: Ensp, 2001. (mimeo).
- QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**- São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- RICHARDSON, R. J. e col. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SETUBAL, A. A. **Pesquisa em Serviço Social: Utopia e Realidade**. São Paulo: Cortez, 1995.
- SILVA e SILVA, M. O. **Refletindo a pesquisa participante**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.
- THIOLLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquête Operária**. São Paulo: Polis, Coleção Teoria e História.
- TURATO, E. R. (org). **Psicologia da Saúde: estudos clínico-qualitativos**. Taubaté: Cabral, Livraria Universitária, 2003.
- ULIN, P. R.; ROBINSON, E. T.; TOLLEY, E. E. **Investigación aplicada en salud pública: métodos cualitativos**. Publicación Científica y Técnica. Washington: OMS/OPAS, 2006. n. 614.

VON SIMSON, O. de Moraes (org). **Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.

TELLES, Vera da Silva. **Espaço Público e Espaço Privado na Constituição do Social**: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. *In*: Tempo Social. São Paulo, 1º semestre de 1990. vol. 1, n. 1, p. 23-48.